ARBCA

ASSOCIATION OF REFORMED BAPTIST CHURCHES OF AMERICA

Os Padrões Doutrinários e Práticos Para a Membresia de Uma Igreja Local Segundo a Bíblia e a CFB1689

Por James M. Renihan • Carta Circular ARBCA 2005 • CFB1689



Os Padrões Doutrinários e Práticos Para a Membresia De Uma Igreja Local Segundo A Bíblia e a CFB1689

James M. Renihan

Traduzido do original em Inglês

The Doctrinal and Practical Standards for Local Church Membership According to the Bible and the Second London Confession of Faith • Circular Letter 2005 — ARBCA

By James M. Renihan

Via: ARBCA.com

(Association of Reformed Baptist Churches of America)

Tradução e Capa por William Teixeira

Revisão por Camila Almeida

1ª Edição: Julho de 2015

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a graciosa permissão do Comitê de Publicações ARBCA, representado pela pessoa de Gary Marble, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

Os Padrões Doutrinários e Práticos Para a Membresia de Uma Igreja Local Segundo a Bíblia e a CFB 1689

Por James M. Renihan

[Carta Circular Preparada Para A Assembleia Geral da ARBCA • 2005]

Queridos irmãos e irmãs em Cristo,

Saudações em nome de nosso Senhor e Salvador. Que vocês possam conhecer mais do Seu amor, crescendo sempre na graça.

Pediram-me para escrever sobre o tema Os Padrões Doutrinários e Práticos Para a Membresia de Uma Igreja Local Segundo a Bíblia e a Confissão de Fé Batista de 1689. Este é um assunto importante, com implicações práticas significativas para todas as nossas igrejas. Que o Senhor nos dê toda sabedoria à medida que consideramos estes assuntos.

A Membresia da Igreja

O tema em questão assume que a Palavra de Deus e nossa Confissão ensinam uma doutrina de membresia da igreja. Essa suposição é, em nosso julgamento, correta. Embora seja proveitoso rever todos os argumentos a favor da membresia, passarei por estes e abordarei o assunto em questão mais diretamente. O Novo Testamento não nos fornece um manual de procedimento detalhado para ser usado na admissão de novos membros em nossas igrejas, mas nos fornece informações suficientes para nos guiar neste processo. O meu desejo é reunir essas informações e apresentá-las à vocês nesta carta.

Quando os indivíduos procuram formalmente tornarem-se parte de uma das nossas assembleias, somos confrontados com uma variedade de questões: Eles são crentes? Eles professaram a sua fé em Cristo no batismo? Será que eles andam em novidade de vida? Eles entendem a fé Cristã? Eles entendem o que somos e porque acreditamos no que fazemos? Será que eles têm experiência de igreja anterior? Em caso afirmativo, no que a experiência anterior complementa, é paralela ou contradiz a prática da nossa igreja? Qual é o seu nível de maturidade? Cada uma destas (e há outras) é uma questão prática importante.

O Testemunho da Escritura

Como sempre, em primeiro lugar, devemos olhar para a instrução contida na Palavra de

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Deus. Desde o início do livro de Atos, observamos um padrão: quando Deus salva os pecadores, Ele os adiciona à igreja local (Atos 2:41, 47; 5:11-14; 11:22-26). Em cada um destes casos, o número de membros foi aumentado conforme o aumento da propagação do Evangelho. Notamos em todos os casos, que as pessoas acrescentadas eram crentes que professaram a sua fé por meio do Batismo. A primeira norma para a adesão deve ser uma fé viva em Jesus Cristo, evidenciada no compromisso batismal. Como veremos, isso não significa ou implica uma plena compreensão teológica da fé Cristã. Significa simplesmente que cada indivíduo deve ser capaz de expressar a sua convicção de que Deus os salvou através de Cristo.

Um incidente interessante que lança uma grande quantidade de luz sobre o processo envolvido em se tornar um membro da igreja é registrado para nós em Atos 9:26-30. Depois de Saulo ter sido convertido e voltado para Jerusalém, somos informados de que ele procurou “ajuntar-se aos discípulos”, mas os membros da igreja não estavam dispostos a recebê-lo, porque estavam com medo e não aceitaram sua alegação de ser um discípulo de Cristo como eles. Só depois Barnabé tomou Saulo e o apresentou aos apóstolos, a fim de recomendá-lo e convencer a igreja a aceitá-lo; a aceitação foi completa, já que os “irmãos” tomaram medidas para proteger o seu novo irmão das ameaças de morte feitas pelos helenistas. Vemos que o processo de admissão à membresia envolveu toda a igreja, e eles tinham o direito de recusar a membresia a alguém que pudesse trazer problemas para o seu meio. Só depois que eles receberam o testemunho de um irmão de confiança é que eles permitiram que Saulo se tornasse um com eles. Em Jerusalém, houve um processo envolvido com as questões de tornar-se um membro, e os padrões foram aplicados para aqueles que pretendiam ajuntar-se. É por esta razão que nós procuramos ser cuidadosos em nosso próprio processo de acrescentar pessoas às nossas assembleias.

Aqui está um segundo padrão; no caso de Saulo, era ético. A um homem que era conhecido por seu ódio a Cristo e à Sua Igreja, até mesmo ao ponto de persegui-los, foi recusada a membresia. Evidências de uma verdadeira submissão ao senhorio de Cristo é essencial antes que alguém possa ser aceito em Sua Igreja. Vemos isso na perspectiva inversa também. Quando os apóstolos abordaram o tema da disciplina na Igreja, eles expressam regularmente o fato de que a impiedade na vida é uma causa para a remoção da assembleia Cristã (Romanos 16:17-18; 1 Coríntios 5:5; 2 Tessalonicenses 3:6ss; 2 Timóteo 3:6). Seja em um membro em potencial ou em um membro ativo, não há lugar para uma vida ímpia.

O terceiro padrão para a membresia da igreja tem a ver com a verdade. Os primeiros Cristãos não se preocuparam somente com o comportamento ético dos indivíduos, eles também estavam interessados no entendimento doutrinário das pessoas com quem eles passariam a relacionar-se. Podemos notar isso de duas maneiras. Em primeiro lugar, temos os incidentes interessantes de Apolo e os doze “discípulos” registrados em Atos 18:24-19:7.

Apolo era um crente em Jesus Cristo, e bem familiarizado com as Escrituras do Antigo Testamento, a ponto de “falar e ensinar diligentemente as coisas do Senhor”, no entanto, ele era deficiente em seu entendimento em determinadas áreas. Áquila e Priscila o levaram consigo e lhe explicaram mais plenamente a fé Cristã, ele recebeu com alegria esta nova instrução, e foi enviado pelos “irmãos” à Acaia, onde foi recebido em seu meio. Imediatamente após isso, Lucas nos fala acerca de doze “discípulos” que tinham uma compreensão muito mais deficiente da verdade, aparentemente sem a compreensão de Jesus Cristo, ou de Seu Espírito Santo. Foi necessário que eles fizessem uma confissão de sua fé e então foram batizados em nome de Jesus. Eles eram discípulos deficientes, não estavam qualificados para a igreja por causa de sua falta de compreensão. Enquanto Apolo poderia ser recebido, estes doze não podiam.

Em segundo lugar, nós notamos uma seção muito interessante da carta de Paulo à Igreja dos romanos. A partir de 14:1 à 15:7 o apóstolo lida com o nosso problema. Você notará que estes versos usam uma linguagem que é muito semelhante àquelas palavras que funcionam como algo semelhante a colchetes para marcar o tema em discussão. Paulo dá instrução para a igreja sobre o recebimento de pessoas em seu meio. Aparentemente, entre os romanos, havia alguns que não estavam dispostos a acolher outras pessoas que tinham opiniões divergentes, e isso fez com que o apóstolo escrevesse algumas orientações específicas. Há várias questões relevantes para nós observarmos. A primeira é a utilização da palavra “receber” [“recebei-o” — ACF]. Os léxicos nos dizem que esta é uma palavra que significa “aceitar em sua sociedade” (Bauer-Arndt-Gingrich-Danker), um termo formal indicando um ato de aceitação. Em segundo lugar, o indivíduo a ser recebido é descrito como “enfermo na fé”. Essa pessoa não é um crente maduro, equilibrado com uma compreensão completa do sistema da doutrina Cristã; ao contrário, ele tem uma compressão enferma da verdade Cristã. É importante notar que Paulo diz “a fé” e não simplesmente “fé”. Há uma diferença entre estas duas expressões, a primeira refere-se ao sistema de ensino Cristão, esta última expressa a crença pessoal. É impossível saber a força ou fraqueza de uma pessoa em relação à sua crença individual; é possível quantificar a sua compreensão da verdade Cristã. Orígenes, um Pai da Igreja, disse: “Um homem que é enfermo na fé deve ser aceito e não rejeitado. Pois uma coisa é ser enfermo na fé, e outra bem diferente é ser completamente incrédulo. Um incrédulo não tem fé de modo algum, mas aquele que apenas está enfermo tem dúvidas sobre certos aspectos da fé” (citado no *Ancient Christian Commentary on Scripture: Romans*, 337 [Antigo Comentário Cristão Sobre a Escritura: Romanos, p. 337). Em terceiro lugar, Paulo não faz uma afirmação absoluta aqui — há uma cláusula de qualificação — “não em contendas sobre dúvidas” [14:1]. Nos versos seguintes, ele descreve quais são algumas dessas dúvidas. Alguns Cristãos não compreendem a plenitude de sua liberdade adquirida por Cristo, e, como resultado dessa deficiência doutrinária, mantêm certas práticas éticas que são desnecessárias para os crentes. Pessoas como estas podem vir e solicitar a admissão à igreja, e a igreja deve determinar como

responder. O comando de Paulo é claro: “recebei-os” (14:1, 15:7), a menos que eles tenham vindo para causar problemas. Se eles podem ficar em silêncio e guardarem-se de contendas, recebei-os. Se eles não podem, é claro que a Igreja não tem a obrigação de recebê-los. Como no livro de Atos, o apóstolo baseou sua prática no ato soberano de Deus. Ele disse que Deus recebeu o homem enfermo na fé (14:3) em Cristo (15:7), e sobre esta base, ele ordena que a igreja faça o mesmo.

Para resumir o que foi dito: as Escrituras nestas passagens nos ensinam que as normas para a membresia da Igreja giram em torno da crença, da vida e da verdade. Os verdadeiros crentes, que vivem como Cristãos, e têm uma compreensão dos fundamentos do Evangelho devem ser admitidos. Em último caso, isto pode ser feito mesmo se deficiências estiverem presentes.

O Testemunho da Nossa Confissão

A Segunda Confissão de Fé Batista de Londres também aborda o assunto que estamos considerando, e não surpreendentemente enfatiza as mesmas questões. Analisaremos o Capítulo 26 e parágrafo 2, que diz:

> Todas as pessoas, em todo o mundo, que professam a fé do Evangelho e obediência a Deus por meio de Cristo, de acordo com isso, não arruinando a sua própria profissão por quaisquer erros de subversão do fundamento, ou impureza de conversação, são, e podem ser chamadas de santos visíveis[2]; e dos tais, todas as congregações particulares devem ser constituídas[3] (2 1 Coríntios 1:2; Atos 11:26 • 3 Romanos 1:7; Efésios 1:20-22)

Nesta declaração, há duas condições positivas: “Todas as pessoas... (1) que professam a fé do Evangelho e (2) obediência a Deus por meio de Cristo, de acordo com isso”; e duas condições negativas: “não arruinando a sua própria profissão por (1) quaisquer erros de subversão do fundamento, ou (2) impureza de conversação”. O ensino continua “são, e podem ser chamadas de santos visíveis (c); e dos tais, todas as congregações particulares devem ser constituídas”. Esta é essencialmente a mesma doutrina que já consideramos acima. “Todas as pessoas”, que reúnem as duas condições positivas de uma profissão de fé e obediência, e que não prejudicam a sua profissão com pontos de vistas heréticos ou vidas pecaminosas devem fazer parte da igreja. Esta é uma declaração muito ampla, mas reflete as verdades que temos visto nas Escrituras. Ele não estabelece um nível muito alto, mas se fundamenta sobre a mesma base que a Palavra de Deus. As condições mencionadas na Confissão são realmente o reflexo das condições registradas nas Escrituras. Uma “Profissão da fé do Evangelho” só é aceitável quando não está arruinada por erros fundamentais, e a “obediência a Deus por meio de Cristo” é contrariada por uma vida profana.

Devemos notar o que a Confissão não diz. Ela não diz que cada crente deve ter uma compreensão plena da Teologia Cristã, nem mesmo da própria teologia da Confissão, a fim de tornar-se parte de uma igreja. Na verdade, as condições de desqualificação não são uma falta de entendimento, mas sim o compromisso com pontos de vistas heréticos. Assim, desde que a pessoa não possua tais posições, mas, antes, articula a fé em Cristo e vive como um discípulo obediente, ele ou ela podem ser membros da igreja. A declaração universal "todas as pessoas" possui alguma importância aqui. Aqueles que atendem a essas qualificações devem ser membros de nossas igrejas. Para usar a linguagem de Paulo, se Deus os recebeu por Seus, em Cristo, assim também devemos fazer!

É claro que isso nos apresenta um novo conjunto de perguntas: quais são os "erros de subversão do fundamento"? Alguns deles são auto-evidentes: os nossos antepassados Batistas Puritanos nunca tolerariam o anti-Trinitarianismo, falsas visões da Pessoa e obra de Cristo, ou deserções do Evangelho Escriturístico e Reformado. Mas o que dizer de outros erros menos óbvios, mesmo em áreas abordadas pela própria Confissão? Isso é mais difícil e, talvez, deve ser deixado a cada igreja, para que elas decidam estas questões por si mesmas. Mas uma coisa é certa, a Confissão não é mais rigorosa em suas exigências para a membresia do que são as Escrituras. Ao que parece, a Confissão apenas mantém a linha no mesmo lugar que as Escrituras: se Deus os recebeu, devemos recebê-los também, a menos, é claro, que eles venham até nós buscando criar contendas sobre dúvidas.

Questões Práticas

Quais são as implicações práticas disto? Esta é talvez a parte mais controversa da minha carta. Com cautela, eu acredito que nós devemos procurar seguir as normas da Confissão com prudência e cuidado. Se uma pessoa é um crente em Jesus Cristo, procura viver em obediência ao Senhor, e não tem opiniões heréticas, ela poderia ser considerada como admissível, mesmo que ela não concorde com as doutrinas não-fundamentais em nossa igreja. Tal pessoa teria necessariamente que concordar que, de bom grado, se submeterá ao ensino da igreja, não promoverá diferenças, e nunca se envolverá em contendas sobre dúvidas. Sem que este tipo de promessa seja feita, é altamente desaconselhável admitir tal pessoa. Mas se ela realmente faz tal promessa, ela pode ser um membro, embora seja provavelmente mais sábio privá-la de qualquer ofício.

Uma das grandes questões do tempo dos Puritanos, que hoje muitas vezes é esquecida, é a ênfase na consciência pessoal presente nos pensadores Independentes e Batistas. Eles entenderam que um Cristão pode, a partir de uma boa consciência, e com intenções honestas, possuir uma diferença em opiniões doutrinárias. Ele ainda devia ser tratado como um irmão e até mesmo recebido na membresia, dadas as circunstâncias corretas. Precisamos incentivar o direito de consciência, mesmo que estejamos em desacordo com a posição sustentada. Esta graça adornará a igreja.

Existem exemplos dos tipos de pontos de vista que podem ser tolerados? Podem haver muitos — cada igreja precisa lidar com suas próprias circunstâncias. Em uma região, um certo ponto de vista pode ser particularmente controverso, em outra o mesmo ponto de vista pode não gerar nenhuma controvérsia. No primeiro caso, talvez a assembleia seria sábia em recusar a membresia ao indivíduo com a posição controvertida; no segundo, isto pode não fazer diferença.

Quase tão importante quanto a doutrina é o caráter da pessoa envolvida. Ele é misericordioso e capaz de viver em paz com os outros, ou ele é orgulhoso e intenciona difundir seus pontos de vista? A resposta a esta pergunta é muito importante ao longo da determinação da questão. Podemos considerar a admissão de um homem graciosamente submisso; não devemos acolher um homem faccioso.

Outra consideração que deve ser dada importância tem a ver com o efeito potencial que a incorporação de uma pessoa com opiniões divergentes pode ter em uma igreja particular. Uma grande assembleia, provavelmente, pode acolher alguém com bastante facilidade; uma assembleia menor, talvez, não possa. O caráter doutrinário de uma igreja menor em sua distintividade Batista Reformada pode potencialmente ser alterada por tal ato, portanto, grande cuidado deve ser empregado nesta questão.

A questão mais difícil para nós, como Batistas Reformados é o Pedobatismo. Nossas igrejas são formadas com base no Batismo de crentes por imersão, mas, na realidade, temos muito mais em comum com os nossos irmãos e irmãs Pedobatistas Reformados do que com a maioria dos Batistas Evangélicos. Poderíamos, ou talvez, devemos aceitar como membro um Pedobatista consciente, que não tem outro lugar para congregar, e que concorde graciosamente em manter silêncio quanto aos seus pontos de vista divergentes? No apêndice originalmente vinculado à nossa Confissão, lemos o seguinte:

> Nós não somos insensíveis que, quanto à ordem da casa de Deus, e a totalidade da comunhão nela há algumas coisas em que nós (assim como outros) não estamos em um acordo completo entre nós mesmos, como por exemplo, o princípio conhecido, e estado das consciências dos diversos dentre nós, que concordaram nesta Confissão é tal que não podemos sustentar a comunhão eclesiástica com quaisquer outros, a não ser com crentes batizados e Igrejas constituídas de tais; ainda assim, alguns outros de nós têm uma maior permissividade e liberdade em nossos espíritos nesse sentido; e, portanto, propositadamente omitimos a menção de coisas dessa natureza, para que pudéssemos concordar, ao dar essa prova de nosso acordo, tanto entre nós mesmos e com outros bons Cristãos, nesses artigos importantes da Religião Cristã, principalmente insistidos por nós.

É importante lembrar que a palavra “comunhão” foi usada aqui no sentido de “membresia”.

Diferenças sobre este assunto foram toleradas entre eles. Pedobatistas entre si mesmos têm opiniões divergentes sobre a questão de admitir Batistas Reformados como membros em suas igrejas. Alguns estão dispostos; outros não estão. O assunto deve ser tratado em cada igreja. A nossa própria história apresenta casos de igrejas que vieram a adotar ambas as posições, e que foram capazes de viver em associação harmoniosa. Que o Senhor nos dê a graça de fazer o mesmo.

Uma questão que pode vir à mente é a seguinte: uma vez que adotamos uma plena subscrição da Confissão em favor da membresia em nossa Associação, esta doutrina, em algum sentido não exige uma plena subscrição da Confissão a nível local? Eu não acredito que ela exige. Enquanto a igreja como um todo subscreve todas as doutrinas da Confissão, isso não implica que cada indivíduo na igreja deve fazer o mesmo. Há uma analogia ao nosso governo nacional. Embora possa ser dito sobre cada questão que é a política dos Estados Unidos da América, e porque eu sou um cidadão, em certo sentido, esta também é a minha política, eu também tenho o direito de discordar desta política sem perder minha cidadania. Eu diria que o mesmo é verdade na igreja: enquanto o corpo como um todo, confessa um sistema de doutrina, um indivíduo dentro desse corpo pode ter uma opinião divergente em pontos não-fundamentais. O fator importante é a disposição de abrir mão de desafios contra a doutrina do todo para o bem da unidade. Este não é um argumento para o pluralismo teológico ou relativismo — a identidade Confessional da igreja não deve ser diluída. Este é simplesmente o reconhecimento de que a divergência pacífica em relação às doutrinas não-fundamentais é admissível dadas as devidas limitações observadas.

Talvez devêssemos fazer esta pergunta: baseado em que eu posso manter um verdadeiro Cristão fora da minha igreja? Na maioria das vezes nós começamos com a pergunta oposta: que requisitos são necessários para permitirmos que Cristãos se tornem membros? Nós não devemos ser culpados de pensar em termos essencialmente sectários quando pensamos sobre as qualificações para a membresia da igreja.

O nosso desejo é apresentar a beleza de nosso Salvador para o mundo que nos rodeia. Que seja o nosso anseio refletir o Seu gracioso e terno espírito para com todos os homens.

Que o Senhor nos dê sabedoria e graça por meio de Seu Espírito,

Seu servo,
James M. Renihan

Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Sola Fide!
Solus Christus!
Soli Deo Gloria!

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no T empo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! – C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbítrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone



2 Coríntios 4

[1] Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; [2] Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. [3] Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. [4] Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. [5] Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. [6] Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. [7] Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. [8] Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. [9] Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; [10] Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; [11] E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. [12] De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. [13] E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. [14] Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. [15] Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. [16] Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. [17] Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; [18] Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.